

MARIA JOÃO
PINHO



PAULO BRANCO APRESENTA

A SIBILA

UM FILME DE EDUARDO BRITO

A PARTIR DO ROMANCE DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

JOANA
RIBEIRO

12 OUTUBRO NOS CINEMAS

A woman with grey hair, wearing a dark blue coat over a floral patterned blouse, stands on the left. A younger woman with dark hair, wearing a dark blue dress, stands on the right, looking towards the older woman. They are on a dirt path in a lush green landscape with trees and bushes in the background.

SINOPSE

A adaptação do romance homónimo de Agustina Bessa-Luís retrata a relação entre uma jovem escritora e a sua tia, personagens vibrantes inspiradas em figuras reais, a viver no interior norte de Portugal em meados do século XX. Sentimentos de ciúme, admiração e o complexo magnetismo entre duas mulheres fortes são retratados magnificamente pela grande escritora portuguesa no seu livro mais icónico, adaptado ao cinema com grande precisão.



NOTA DE INTENÇÕES

A adaptação de *A Sibila* para cinema parte de duas premissas: uma, a vontade de transpor para a tela o espírito da obra, mais além do que o seu decalque. Outra, o entendimento da história como uma espiral: insere-se no fluxo do mundo, parece terminar onde começa — toda a narrativa é contada em analepse: *e, bruscamente, Germa começou a falar de Quina*, lê-se no início do romance. E o tempo recua.

Comecei a trabalhar no argumento do filme de *A Sibila* depois de escrever *O Pior Homem de Londres*, produzido pela Leopardo Filmes e realizado por Rodrigo Areias.

Às leituras e anotações que fiz do livro, seguiram-se longas conversas com Mónica Baldaque, iniciadas numa visita à Quinta do Paço — a Vessada, na história — e prosseguidas na casa de Agustina na rua do Gólgota, Porto.

Daí saíram valiosas informações que o filme acolhe: histórias laterais que aprofundam ideias da obra, sonoridades, expressões, atmosferas, objectos (a célebre fotografia de família, encenada num momento importante na passagem do tempo da história no tempo do filme; a rocking chair onde as personagens Quina e Germa se sentam – a verdadeira cadeira de balouço da Quinta do Paço) e, sobretudo, um conhecimento do espírito das sibilas

Joaquina Augusta e Germana, representações, no livro, de Amélia Teixeira Bessa (1877-1957) e da sobrinha Agustina Bessa-Luís.

E como filmar a circularidade de *A Sibila*? Na estrutura, pela analepse que abre e fecha a história, convocando Germa como narradora, capaz de dar voz à palavra escrita sempre que necessário — seja nos avanços da acção, seja na profundidade do texto, como um *evangelho*.

No espaço, concentrando-o na Casa da Vessada e arredores — o universo de Quina, *todo o espaço até aos limites dos seus conhecimentos, onde os amigos viviam e comunicavam com outros amigos* — minimal na decoração, nos diálogos e nos horizontes.

Na essência, apresentando a figura da sibila como mistério: sublinhando a sua natureza nunca totalmente perceptível e propondo a existência de outra sibila: Germa, a narradora, a herdeira da *sabedoria profunda* e a continuadora do legado espiritual de Quina — no fundo, um modo de ver uma jovem Agustina: espaço e tempo de traduzir a voz da sua sibila.

(Parêntesis: se a passagem de testemunho é evidente — é de Quina que Germa recebe o legado, depois de um conflito com Custódio—, repare-se que Agustina escreve *A Sibila* em 1953 e que Amélia morre em 1957, tal como o livro previra.)

Na imagem, comendo em planos predominantemente fixos, assim se estabelecendo uma relação com uma ideia de quadro que recebe um sopro de vida — de novo, o e *bruscamente* —, assumindo o ciclo do dia como o ciclo do filme: o início é matinal, o meio passa-se sobretudo pela tarde e o final é nocturno, retomando-se o *dia seguinte* e a ideia de ciclo com o fecho da analepse.

Por tudo isto se propõe *A Sibila* como um filme sobre duas pessoas que contornam o destino que lhes estava traçado: como Amélia, sem sair do seu universo, Quina foge da sua condição de mulher num Portugal rural de inícios do Século XX, socorrendo-se da profunda inteligência na *gestão* do seu poder de sibila. Se ele existe ou não, a decisão caberá a cada um de nós. Germa, como Agustina, para começar o seu caminho de escritora, queima as pontes com o passado familiar — precisamente o que lhe dá as condições espirituais e materiais para caminhar — e torna-se, ela própria, a sibila que acabaremos por conhecer.

Eduardo Brito

ELENCO

Maria João Pinho
Joana Ribeiro

Raimundo Cosme
Simão Cayatte
Sandra Faleiro
João Pedro Vaz
Diana Sá
Emília Silvestre
Ricardo Vaz Trindade
Marcello Urgeghe
Madalena Aragão
Rui Neto
Dinis Gomes
Rita Martins
Gustavo Sumpta
Valdemar Santos
Mariana Costa
Ricardo Lagartinho Lopes

Com a participação especial de
Ana Padrão



A SIBILA



O CENTENÁRIO DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

A 15 de Outubro de 2022 fez 100 anos que nasceu a escritora Agustina Bessa-Luís.

Nessa data iniciaram-se as comemorações do seu Centenário, que se prolongarão até Outubro de 2023. Agustina foi a nossa maior romancista do último século [António José Saraiva escreveu que ela é “depois de Fernando Pessoa, o segundo milagre do século XX português”; Hélia Correia afirma que “se há realmente a noção de génio é, em absoluto, Agustina”] e *A Sibila* (1953) é o seu romance seminal, um *romance-símbolo* da literatura portuguesa. Óscar Lopes referiu-o como a maior “revelação” das nossas letras, e Eduardo Lourenço classificou-o também como “milagre”, que, com o seu “aparecimento, deslocou o centro da atenção literária”. Foi agraciado com o Prémio Delfim Guimarães em 1953, ano em que o concluiu, e o Prémio Eça de Queiroz, no ano seguinte, o ano em que foi publicado. Celebramos também o seu 70º aniversário.

Sabemos que o cinema muito deve a Agustina, ela que de pequena começou a frequentar a sala de cinema do seu pai, no Porto, ela que escreveu que foram “o cinema e os livros” que a levaram a tornar-se escritora, ela que era uma grande conhecedora da história do cinema e que escreveu sobre filmes, realizadores e actores, de Dreyer a Orson Welles e Pasolini, Bergman, Bertolucci,

Arthur Penn, Peter Greenaway ou Oliveira, que por várias vezes adaptou obras suas. Por tudo isso, a forma mais justa de a homenagear é através do cinema, e o filme mais acertado para o fazer é a adaptação de *A Sibila*, o livro misterioso e mágico, local e universal, que foi um marco histórico na literatura portuguesa e o mais importante da obra da escritora, o livro que impôs “um mundo romanesco, insólito, veemente, estritamente pessoal, desarmante e tão profuso e rico, verdadeira floresta da memória, tão povoada e imprevisível como a vida, onde nada é esquecido e tudo transfigurado” (ainda Eduardo Lourenço). *A Sibila* (2022), o filme, com argumento e realização de Eduardo Brito, anima de novo aquelas personagens de um tempo fascinante, agora encarnadas pelas vozes e pelos corpos de duas grandes actrizes, Maria João Pinho e Joana Ribeiro, como Quina e Germa, as “sibilas” de uma história familiar, onde a verdade acompanha a ficção, e a “sibila” Agustina chega a antecipá-la.

A estreia de *A Sibila* encerrará as comemorações do centenário de Agustina Bessa-Luís e ficará certamente como o grande marco dessas celebrações.



Agustina Bessa-Luís, em 2004
© Adélino Meireles/Global Imagens

TESTEMUNHO DE MÓNICA BALDAQUE

(escritora e pintora; filha de Agustina Bessa-Luís)

É conhecido o particular gosto de Agustina pelo cinema – desde criança frequentadora da sala de cinema de seu pai, no Jardim Passos Manuel, no Porto, inúmeras vezes referida por Agustina em entrevistas e nos seus escritos autobiográficos.

Meu pai entrou no mundo do espectáculo com o Jardim Passos Manuel, um café-concerto com teatro ligeiro, canto, palhaços.

E um cinema. Às quintas-feiras levava-me e deixava-me em liberdade. Ia para o escritório dele ver fotografias de actrizes que acompanhavam os filmes. Era um mundo de beleza ao alcance da imaginação, e aí tive companhia de grandes astros, de perfil, a fumar um cigarro turco.

O cinema, os livros e a D. Inês deram comigo em escritora.

(O Livro de Agustina Bessa-Luís, Três Sinais, 2002)

Tornou-se, Agustina, uma grande conhecedora da história do cinema – sempre actualizada em relação à produção de filmes, aos realizadores, aos actores, às suas vidas.

A Palavra, de Carl Dreyer; *As Medeias*, de Pier Paolo Pasolini; *Bonnie e Clyde* de Arthur Penn; *A Tempestade* de Peter Greenaway (talento esmagador); *Fanny e Alexandre*, de Ingmar Bergman, entre tantos, tantos outros, e por vezes os mais ignorados do grande público, foram analisados por Agustina, com o seu raciocínio inteligente e culto, e que só um profundo conhecedor domina. Testemunhou-o muitas vezes, e publicamente, João Bénard da Costa.

[...]

É conhecida a sua envolvência nas adaptações realizadas por Manoel de Oliveira – tendo mesmo escrito todos os diálogos de *Party*, e diálogos de alguns dos outros filmes, adaptados de romances seus.

*

Esta, uma brevíssima entrada neste palco de Agustina, para dizer que não pode haver nenhuma outra forma tão justa de a homenagear, que não seja a de trazer os seus personagens à cena, dar-lhes uma voz que as interprete, um movimento que as anime, um sentir, em que se reconheça o seu público, que de poucos, Agustina desejaria fossem *muitos*.

Chegou, assim, a altura certa de trazer *A Sibila* para o cinema. Estranhamente, este *romance-símbolo* da nossa literatura, se foi transformado num bailado, pela Companhia de Dança Contemporânea, com antestreia no ACARTE em Dezembro de 1998, nunca estimulou a inspiração de um realizador de cinema. Não aponto aqui razões, apenas transcrevo as palavras de Eduardo Lourenço que chama a atenção para a mutação operada pela *Sibila* no panorama das letras nacionais, assinalando o ano de 1953 como um marco histórico entre duas épocas literárias: o significado mais profundo dessa obra foi, segundo o autor de *O Canto do Signo*, “acaso, o de ter de novo imposto um mundo romanesco, insólito, veemente, estritamente pessoal, desarmante e tão profuso e rico, verdadeira floresta da memória, tão povoada e imprevisível como a vida, onde nada é esquecido e tudo transfigurado, mundo grave e inesquecível *soberanamente indiferente à querela literária ideológica que durante quinze anos paralisara em grande medida a imaginação nacional*. Foi como o sinal, há muito esperado, para a grande aventura que desde então tem removido, como em raras épocas passadas, o subconsciente literário português.”

A aventura da elaboração de um guião, começou-a Eduardo Brito, a convite de Paulo Branco, em Fevereiro de 2020.

Visitámos a *Casa do Paço*, o lugar *fechado*, do *mundo fechado*, onde se desenrola uma complexa teia de sentimentos que vai determinar todo o percurso literário e de pensamento de Agustina.

Entrámos na *Rua Agustina Bessa-Luís*, que não é uma rua, é um caminho, um caminho de terra, entre campos, que nos leva até ao Paço. Não desejo nenhuma outra rua, ou avenida, com o seu nome. Esta, é a homenagem perfeita, a que comoveu Agustina, e que se entende como um sinal. Está no sítio certo, e leva-nos à nascente, à Sibila.

Já lida e relida e anotada, *A Sibila*, pelo Eduardo Brito; sempre com inúmeras conversas entre nós os dois, sobre as pessoas daquela casa, as lembranças, sobre a sua atmosfera, foi o embate com os vestígios, e daí partir para a estruturação do guião. Uma tarefa que se apresentava muito difícil, pelos códigos contidos no romance, quase impenetráveis por vezes, foi adquirindo luz e uma linha definida. O Eduardo Brito encontrou-as, respeitando o mistério destas Sibilas (Quina e Germa), os enigmas, que para sempre envolverão este romance.

Entendi como a escolha para realizar este filme foi a mais acertada.

Mónica Baldaque

SOBRE O REALIZADOR EDUARDO BRITO

1977, Guimarães, Portugal
Eduardo Brito trabalha em cinema, escrita e fotografia.

No cinema, a que se tem dedicado principalmente, escreveu e realizou a longa-metragem *A Sibila* (2023), a partir do romance homónimo de Agustina Bessa-Luís. Realizou as curtas metragens *Penúmbria* (2016), *Declive* (2018), *Ursula* (2020), *Lethes* (2021) e *La Ermita* (2021). Escreveu o argumento da longa *O Pior Homem de Londres* (Rodrigo Areias, 2022), das curtas *O Facinora* (Paulo Abreu, 2012), *A Glória de Fazer Cinema em Portugal* (Manuel Mozos, 2015), *Catherine ou 1786* (Francisca Manuel, 2017) e *O Homem Eterno* (Luís Costa, 2017) e, com Rodrigo Areias, das longas *Hálito Azul* (2018) e *A Pedra Sonha Dar Flor* (também com Pedro Bastos, 2022).



O realizador Eduardo Brito

Entre a fotografia e a escrita, os seus trabalhos exploram quase sempre os temas verdade-ficção-memória, bem como a relação texto-imagem: assim por exemplo com os livros *As Orcadianas* (2014) e *East Ending* (2017) e com as séries fotográficas *Sem Sinal de Perigo* (2021), *5 p.m. Hotel de la Gloria* (com Rui Hermenegildo, 2015), *Un Samedi Sur Terre* (2017) e *Histórias Sem Regresso* (2018).

Eduardo Brito tem o mestrado em Estudos Artísticos, Museológicos e Curadoriais pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com a dissertação *Claro Obscuro – Em Torno das Representações do Museu no Cinema*. Fez especialização em guionismo na Escuela Internacional de Cine y TV, em Cuba. Ensina regularmente, como assistente convidado, na FBAUP. Foi coordenador projecto de arquivo, curadoria e edição de espólios fotográficos Reimaginar Guimarães, desenvolvido na Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura.

FICHA TÉCNICA

Argumento e realização **Eduardo Brito**
A partir do romance de **Agustina Bessa-Luís**

Director de fotografia **Mário Castanheira**
Produtor **Paulo Branco**
Produtora delegada **Mariana Marta Branco**
Assistente de realização **Paulo Mil Homens**
Montagem **Tomás Baltazar e Tiago Augusto**
Director de som **Francisco Veloso**
Montagem de som e mistura **Pedro Góis**
Directora de arte **Paula Szabo**
Figurinos **Susana Abreu**
Música original **Athena Corcoran-Tadd**

Uma produção **Leopardo Filmes**
Com a participação financeira
RTP - Rádio e Televisão de Portugal
Fundo do Apoio ao Turismo e ao Cinema

Com o apoio
Câmara Municipal do Porto
Fundação Calouste Gulbenkian
Fundação Manuel António da Mota
Câmara Municipal de Amarante
Câmara Municipal de Caminha
Câmara Municipal do Marco de Canaveses
DRCN - Direção Regional de Cultura do Norte
Ministério da Cultura - Fundo de Fomento Cultural



A man with a beard, wearing a grey shirt, is crouching on the left side of the frame, looking towards the right. A woman with long brown hair, wearing a white t-shirt and a dark skirt, is standing on the right side, leaning against a green metal railing and looking back at the man. They are in a lush garden with many white calla lilies and green foliage. In the background, there is a stone wall with a window and a tree with green leaves.

CONTACTOS

Produtor - Paulo Branco:
sec@leopardofilmes.com

Marcações - Manuela Mina:
manuelam@leopardofilmes.com

Imprensa - Francisco Adão:
press@leopardofilmes.com

Site oficial do filme:
www.asibila-filme.com

Leopardo Filmes:
www.leopardofilmes.com